



ANTONIA SAN JUAN
também pinta, porque
precisa de ser algo
mais que apenas atriz



EM PALCO, ANTONIA SAN JUAN É MUITAS MULHERES, MAS SOBRETUDO É JÁ UMA MULHER DISTANTE DA AGRADO DE «TUDO SOBRE A MINHA MÃE», DE PEDRO ALMODÓVAR

TEXTO DE VALDEMAR CRUZ
FOTOGRAFIA DE RUI DUARTE SILVA

Antonia San Juan

PRIMEIRO há o olhar. Quando em sossego, perde-se na aparência de um anonimato conformado. Quando rasga a cortina, ilumina o palco e sente o desafio contido no modo como outros a lêem e se questionam. As mãos respiram drama. Enormes, conseguem modular frases imaginárias na solidão do palco. Depois vem a voz. Em cada expressão, um mundo. Em cada sílaba, a porta aberta para a exploração da totalidade da paleta sonora. Antonia é muitas mulheres e em cada novo sorriso é sempre uma mulher outra.

Se olha para trás e divisa a Agrado de **Tudo sobre a Minha Mãe**, percebe ser aquela apenas uma partícula, porventura nem sequer a mais luminosa, no universo de Antonia San Juan. Firme na voz, firme nas convicções, não tolera perguntas sobre a sua vida privada. Convide mal com a coscuvilhice e, por isso, odeia as intermináveis horas de televisão ocupadas com o que encaixota numa só palavra: «telelixo».

É outro o seu mundo. É outra a sua leitura do quotidiano. São outras as mulheres que escorrem do corpo desta mulher já distante do embaraço provocado em 1998 pelas perguntas dos jornalistas do festival de Cannes, interessados em saber qual o sexo registado na sua certidão de nascimento. Foi das Canárias para Madrid aos 19 anos. Ia para

a Outra

A mulher
que
abandona
a carreira
para tratar
dos filhos
não
percebeu
nada

estudar Filologia Hispânica e acabou, primeiro a fazer teatro clássico na companhia da Faculdade de Letras, depois a percorrer o circuito dos cafés-concerto, onde durante quinze anos se notabilizou pelos monólogos criados. Foi aí que a descobriu Pedro Almodóvar. Com ele fez o filme hoje alvo de culto muito por culpa do já mítico monólogo de Agrado num teatro, perante uma plateia primeiro desconfiada, depois rendida.

Agora com 47 anos, Antonia continua a fazer do palco a sua paixão, plasmada no modo como se entrega ao seu Teatro Arlequim, de Madrid. É lá que nascem êxitos como **Las que Faltaban**, há dias apresentada no FITEI e com mais de quatrocentas representações em Espanha, Itália e América Latina. Mas também pinta, «por uma questão de tranquilidade. Ser actriz não me chega. Creio que pinto com a mesma atitude com que pintava Frida Khalo».

Ciente de que «a liberdade compra-se trabalhando», levanta-se todos os dias às sete horas da manhã e deita-se depois da meia-noite. Acabou de rodar a sua primeira longa-metragem, produziu-a sozinha. «Não tive nenhum tipo de apoio, apesar dos muitos prémios que já recebi com as duas curtas-metragens que realizei.» Tem contas a ajustar com o Partido Popular (PP), que dirige a comunidade de Madrid e «privatizou tudo, menos o teatro. Aí não abre mão, que é para assegurar o controlo ideológico do que se produz».

Para Antonia, «ser mulher é muito com-

plicado». Lamenta que muitas mulheres, depois de terem lutado para conquistarem determinados lugares, «venham dizer que, no final, o mais importante foi o acto de parir. Uma mulher que abandona a carreira para tratar dos filhos não percebeu nada. Uma mulher do século XXI não pode comportar-se como uma mulher do século XIX. A mulher que trabalha tem um sindicato para a defender. A mulher que fica em casa tem um amo a quem obedecer e de quem depende, que é o marido. A maior liberdade da mulher é o trabalho», conclui.

Apesar do cinema ou da ocasional direcção de actores, Antonia precisa do palco, mesmo se são muitas as dificuldades para quem assume a carga política inerente aos seus espectáculos. «Há que criticar tudo, seja a Igreja, seja a moral vigente.» O resultado é não lhe darem trabalho. «Se não fosse eu a produzir o meu próprio teatro ou os meus filmes, já estaria morta e esquecida há muito tempo.» Mais do que revolta, há em Antonia uma indisfarçável necessidade de seguir em frente. «Quando não me dão, invento, até porque tenho uma produtora com 20 pessoas a quem tenho de pagar salário todos os meses», esclarece.

Antonia criou um muito particular universo para lá de Almodóvar. Até lhe surgir o realizador espanhol, participara em quatro filmes. Entretanto, já entrou em mais catorze. Por isso, ela não é a Agrado. É a outra contida em todas as outras mulheres.

vcruz@expresso.pt